

Poema do Homem Só

À À À

"Sã³s,
irremediavelmente sã³s,
como um astro perdido que arrefece.
Todos passam por nã³s
e ninguã©m nos conhece.

Os que passam e os que ficam.
Todos se desconhecem.
Os astros nada explicam:
Arrefecem

Nesta envolvente solidã£o compacta,
quer se grite ou nã£o se grite,
nenhum dar-se de outro se refracta,
nenhum ser nã³s se transmite.

Quem sente o meu sentimento
sou eu sã³, e mais ninguã©m.
Quem sofre o meu sofrimento
sou eu sã³, e mais ninguã©m.
Quem estremece este meu estremecimento
sou eu sã³, e mais ninguã©m.

dã£o-se os lãbios, dã£o-se os braã§os
dã£o-se os olhos, dã£o-se os dedos,
bocetas de mil segredos
dã£o-se em pasmados compassos;
dã£o-se as noites, e dã£o-se os dias,
dã£o-se aflitivas esmolos,
abrem-se e dã£o-se as corolas
breves das carnes macias;
dã£o-se os nervos, dã-i-se a vida,
dã-i-se o sangue gota a gota,
como uma braã§ada rota
dã-i-se tudo e nada fica.

Mas este ãntimo segredo
que no silãncio concreto,
este oferecer-se de dentro
num esgotamento completo,
este ser-se sem disfarce,
virgem de mal e de bem,
este dar-se, este entregar-se,
descobrir-se, e desflorar-se,
ã© nosso de mais ninguã©m."

Antãnio Gedeã£o, in Teatro do Mundo